

ESPORTES

correibraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Com a benção de Zico

O meia uruguaio Nicolás De La Cruz esteve no Ninho do Urubu pela primeira vez e foi recebido por Zico. "Oi, mestre. Como estás? Bem-vindo. Sorte para você. Vamos juntos para voltar a erguer as copas", desejou o Galinho de Quintino, em espanhol. O novo rubro-negro garantiu empenho para atender o pedido do maior ídolo flamenguista.



Marcelo Cortes/Flamengo

SELEÇÃO BRASILEIRA Saiba qual é o livro de cabeceira do novo comandante da Amarelinha e conheça o coração de estudante do novo mestre canarinho. Mochileiro em 2015, o paulista de 61 anos foi à Europa beber da fonte de ex-técnicos dos sonhos da CBF

Dorival, o intelectual

MARCOS PAULO LIMA

Dorival Silvestre Júnior assumirá a Seleção Brasileira hoje, às 15h, na sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, com uma faceta pouco conhecida do torcedor. Aos 61 anos, o paulista de Araraquara é um intelectual. Leitor voraz, tem sempre uma obra na bagagem durante as viagens ou na cabeceira da cama. Seletivo, o apaixonado pela amarelinha desde 1970, quando acompanhou a conquista do tri na Copa do México aos oito anos, costuma aplicar lições nos elencos. Flamengo e São Paulo assimilaram apontamentos recentemente e conquistaram títulos sob a batuta dele.

O **Correio** apurou que a primeira publicação consumida por Dorival neste ano, durante as férias, é *O colecionador de lágrimas, holocausto nunca mais*. O livro de 376 páginas escrito pelo psiquiatra, professor e escritor brasileiro Augusto Cury conta a história de um professor especialista em nazismo e na Segunda Guerra Mundial. O docente começa a ter insônia e pesadelos, como se estivesse vivendo as atrocidades ocorridas no nazismo.

Em um ponto de desatino, diz que os alunos são parceiros de Hitler. A intenção do mestre é provocar a sensibilidade e a curiosidade dos estudantes. Benquisto por alguns, mas criticado e processado por outros, a fama do professor coloca os holofotes sobre ele quando um complô nazista parece persegui-lo.

O novo técnico da Seleção dedicou-se nos últimos 19 meses a pelo menos três livros. Quando assumiu o Flamengo, em 10 de junho de 2022, lia *O Poder do Hábito*, do autor Charles Duhigg. Na estreia, o time perdeu por 3 x 1 para o Internacional, no Beira-Rio. Na entrevista coletiva, Dorival Júnior diagnosticou um dos problemas do elenco e repetiu mais de uma vez. "Nós temos que mudar o comportamento, fazer algo diferente".

Coincidentemente, o terceiro capítulo do livro é intitulado: "A Regra de Ouro da Mudança de hábito: por que a transformação acontece". Publicada em fevereiro de 2012, a obra do ex-repórter do The New York Times não foi mantra, mas virou ferramenta para a comissão técnica pacificar o grupo depois do racha causado pela passagem do português Paulo Sousa e levá-lo à conquista da Copa do Brasil e

da Libertadores, ambas em 2022.

Dorival conseguiu algo semelhante à revolução iniciada pelo treinador Tony Dungy descrita em *O Poder do Hábito*, quando o profissional assumiu o Tampa Bay Buccaneers. A franquia da Flórida acumulava 16 temporadas de vexames na NFL — a liga profissional de futebol americano. Dungy convenceu os proprietários do time a contratá-lo com o discurso de que "o segredo da vitória era mudar os hábitos dos jogadores".

Convicto do que desejava, incutiu um discurso na mente dos liderados: "Os campeões não fazem coisas extraordinárias. Fazem coisas ordinárias, mas as fazem sem pensar, rápido demais para o outro time reagir. Seguem os hábitos que aprenderam", ensinava.

O Tampa Bay Buccaneers evoluiu. Voltou a figurar nos playoffs. Disputou o mata-mata por 10 temporadas consecutivas. Foi de chacota a campeão do Super Bowl em 2022 — o primeiro dos dois títulos. O técnico havia sido demitido em 2001, porém o time campeão usava a mesma formação e jogadores do "Sistema Dungy".

O treinador conquistaria o primeiro Super Bowl pessoal em 2007, à frente do Indiana Colts. Além da honra de ser o primeiro técnico afro-americano a vencer a NFL, Dungy tornou-se um dos mais respeitados no esporte profissional dos Estados Unidos.

Ideias na prática

Questionado pelo **Correio**, em 2022, se trechos do livro explicavam a mudança de hábito do Flamengo, Dorival Júnior admitiu que sim, mas ponderou: "Ainda que tenha um capítulo específico e orientador, equipes têm pequenos problemas que são particulares, tentamos atacar de todos os lados. O principal não são os problemas detectados, mas as soluções propostas, e que os atletas acreditem no que foi proposto", explicou o treinador.

Na época em que assumiu o São Paulo, Dorival Jr. meditava sobre o livro *Jesus no lar*, dos autores Francisco Cândido Xavier e Neio Lúcio. Perguntou se ele aplicava algo no time: "Não, leio para conhecimento", respondeu. O texto fala sobre ensinamentos de Jesus na casa de Simão Pedro e aborda o amor ao próximo, o valor de servir, a paixão, a educação. Coincidência ou não, o elenco tricolor se fechou com Dorival e ganhou, contra o Flamengo, o título que faltava na sala de troféus — a Copa do Brasil.



"Equipes têm pequenos problemas que são particulares, tentamos atacar de todos os lados. O principal não são os problemas detectados, mas as soluções propostas, e que os atletas acreditem no que foi proposto"

Dorival Júnior, em entrevista ao **Correio**, em 2022, sobre a aplicação do livro *O Poder do Hábito* nas conquistas do Flamengo

Intercâmbio com Guardiola e Ancelotti

Nem só de leitura vive Dorival Júnior nas raríssimas horas vagas. Incansável em busca do conhecimento, o treinador bebeu de duas fontes admiradas pelo presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, antes de assumir o cargo. Em 2015, ele arrumou as malas e embarcou rumo à Europa com os amigos Vágner Mancini e Júlio Sérgio para um período de reciclagem. Uma das paradas foi na Alemanha, onde Pep Guardiola comandava o Bayern de Munique. Dez dias de aprendizado. O intercâmbio também

passou por Madri. Houve encontros com Diego Simeone, no Atlético de Madrid, e Carlo Ancelotti, no Real Madrid.

Desempregado, Dorival retornou ao Brasil transformado. Assumiu o Santos e surpreendeu o elenco. Thiago Maia jogava no Peixe à época. Notou a diferença e disparou: "Dorival é o Pep Guardiola do Brasil. Espelha-se muito no Bayern. Sempre assiste. Fez estágio, ficou um mês (na Europa) e trouxe novidades. Tem paciência com os moleques, combina com o

Santos", elogiou o então menino da Vila. O Peixe foi vice-campeão da Série A em 2016.

O guardiolismo fazia parte daquele Santos. A posse de bola era uma das marcas. O time paulista encerrou o Brasileiro de 2016 com média de 53,4%, atrás apenas do São Paulo (53,8%). O índice de retenção da pelota do Santos na temporada, ou seja, incluindo as outras competições, era de 70%. A do Bayern, de 78%. O "tiki-taka" de Dorival não era estéril. Tinha contundência. O alvinegro

praiano registrou o terceiro melhor ataque da Série A, com 59 gols. O campeão Palmeiras fez 62; e o Atlético-MG, 61.

O técnico Vágner Mancini lembra, em entrevista ao **Correio**, o impacto daquela turnê. "Eu, Dorival Júnior e o Júlio Sérgio passamos uma semana observando os treinamentos do Bayern Munique, na época treinado pelo Guardiola. Na sequência, visitamos outros clubes também. Roma, Lazio, Atlético, Real e PSG. O tour durou cinco semanas. Houve muita

troca de informações. Foi muito válido, porque vimos e constatamos que não estamos distantes do que se pratica na Europa em termos táticos. A diferença está na intensidade que os atletas colocam em campo e na qualidade dos elencos. Foi uma viagem muito importante".

Na época, Lucas Silvestre admitiu a rendição ao guardiolismo. "O Bayern é nossa referência. Os números mostram a mudança de postura dos atletas e a melhora em todos os quesitos. O departamento de inteligência mostrou isso ao treinador e ao elenco e todos ficam felizes, nos procuram para saber mais informações", explicou.

Os jogadores admiravam a determinação de Dorival Júnior para aplicar as ideias de Guardiola no Santos e começaram a brincar. "Posso ser o Xabi Alonso, mas sou mais bonito do que ele", comparou Thiago Maia. "Posso ser o Lahm", brincou o lateral Zeca à época, sem ironias. "Ele e o filho foram se atualizar, aprender e também humildes. Estudaram o futebol de lá (da Europa). Não se falava muito de linhas, de sair, de toque de bola. O Santos joga assim, encaixado em linhas. Uma das novidades era correr menos. Com os jogadores perto um dos outros, a equipe fica mais com a bola e cansa o adversário", lembrou Zeca.